



# **Lição 04**

**Eúde e Sangar:  
Deus usa os  
improváveis**

**26 de Julho de 2026  
3º TRIMESTRE 2026  
JOVENS**

**Murilo Alencar**

# Esboço Da Lição 04

## Do 3º Trimestre

## De 2026

Por Murilo Alencar

### DIREITOS AUTORAIS

Este subsídio está protegido por leis de direitos autorais. Todos os direitos sobre o subsídio são reservados. Você não tem permissão para alterar ou vender este subsídio. Nem tem permissão para copiar/reproduzir o conteúdo do subsídio em sites, blogs ou jornais. Qualquer tipo de violação dos direitos autorais estará sujeita a ações legais.

### SOBRE O ABRA A JAULA

O **Abra a Jaula** é um projeto de pregação, evangelismo e ensino da palavra de Deus. O abrir a jaula pode ser comparado com a ordenança máxima dada a igreja por Jesus "Ide por todo mundo e pregai o evangelho a toda criatura". Spurgeon disse que o evangelho é como um leão faminto que está enjaulado, de modo que nosso papel não é salvar ninguém, mas abrir a jaula e deixar que o Leão saia e consuma os corações!

Nesse sentido, nos colocamos a disposição, principalmente de Deus, para promover um conteúdo bíblico e pentecostal.

No acervo de vídeos do Abra a Jaula, temos pregações curtas, reflexões bíblicas, pré-aula da Escola Dominical, dicas de pregação com O Pregador e a Pregação e o personagem da bíblia, além de vários projetos que ainda estão para serem colocados em prática, pois estamos em constante crescimento.

**É um privilégio muito grande contribuir com seu ministério. Nós gostaríamos de te conhecer melhor e estar mais próximo de você. Faça parte da nossa família, é só clicar nos botões.**



Site



Canal



Instagram



Facebook



Twitter



(87) 99808-9816

**FIDELIDADE ÀS ESCRITURAS EM OPOSIÇÃO À APOSTASIA**  
*Lições Espirituais no Livro de Juízes*

Domingo, 26 de julho de 2026

**EÚDE E SANGAR: DEUS USA OS IMPROVÁVEIS**

Murilo Alencar<sup>1</sup>

**INTRODUÇÃO**

Nesta quarta lição, estudaremos dois episódios marcantes da história de Israel no período dos juízes: a atuação de Eúde e Sangar como libertadores do povo de Israel. Apesar de breves, os relatos desses personagens oferecem lições sobre a maneira surpreendente como Deus utiliza pessoas improváveis, e à margem dos padrões tradicionais de heróis, para cumprir seus propósitos. Preparados? Vamos juntos aprender a Palavra de Deus.

**TEXTO PRINCIPAL – COMPARANDO TRADUÇÕES**

**Novamente** os israelitas clamaram ao SENHOR, que lhes deu um libertador chamado Eúde, homem canhoto, filho da benjamita Gera. Os israelitas o enviaram com o pagamento de tributos a Eglom, rei de Moabe. (Jz 3.15, NVI).

Então os israelitas **pediram outra vez socorro ao SENHOR**, e ele mandou outro homem para libertá-los. Foi Eúde, filho de Gera, da tribo de Benjamim. Eúde era canhoto. O povo de Israel mandou-o levar o pagamento dos impostos para Eglom, rei de Moabe.

(Jz 3.15, NTLH).

A palavra “novamente”, empregada pela NVI, mostra que Israel havia retornado ao mesmo comportamento de antes. Depois da morte de Otniel, o povo voltou a praticar o que era mau aos olhos do Senhor e caiu sob o domínio de Eglom, rei de Moabe. O pecado repetido produziu outra opressão e, depois de dezoito anos de servidão, os israelitas clamaram novamente.

A NTLH traduz o clamor como um pedido de socorro. Israel estava em profunda aflição e reconhecia que não possuía forças para romper o domínio moabita. **Contudo, o versículo não declara que o povo abandonou os seus ídolos ou se arrependeu.** O clamor é simplesmente o resultado do sofrimento. Ainda assim, Deus respondeu com misericórdia e levantou um libertador.

Essa estrutura não apresenta Israel como uma fábrica de heróis. Ao contrário, revela sua instabilidade espiritual e sua repetida dependência da misericórdia de Deus.

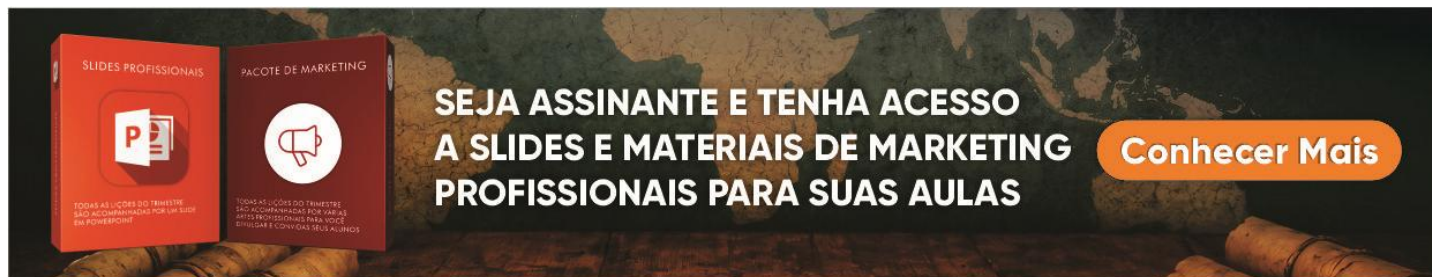
**RESUMO DA LIÇÃO**

*Deus realiza seus propósitos por meio daqueles que o mundo considera incapazes.*

<sup>1</sup>Graduado em teologia pela UniCesumar; Tecnólogo em coaching e desenvolvimento humano pela Unopar; pós-graduando em educação cristã e graduando em teologia pela Faculdade Batista do Cariri (FBC); Presbítero na Assembleia de Deus em Pernambuco. Além disso, idealizador do canal abra a jaula e da ferramenta ebd.

A palavra “incapazes” **descreve o julgamento humano, não a condição real de Eúde e Sangar**. O texto bíblico não os apresenta como homens inúteis ou desprovidos de habilidades. Eúde revelou inteligência, coragem, domínio próprio e capacidade de liderança. Sangar enfrentou os filisteus com extraordinária valentia. Eles eram improváveis porque não correspondiam ao perfil que normalmente se esperava de um libertador militar.

A sociedade costuma avaliar as pessoas pela aparência, formação, posição social, recursos disponíveis e facilidade para realizar determinadas tarefas. Deus, porém, não fica limitado por esses critérios. Ele pode empregar uma característica desprezada, uma habilidade incomum ou um recurso simples na realização de sua vontade.



## 1. EÚDE: DEUS USA OS IMPROVÁVEIS

**Pergunta chave:** Seja assinante e desbloqueie a pergunta chave apertando [aqui](#)

**Ideia central do ponto:** Seja assinante e desbloqueie a ideia central do ponto apertando [aqui](#)

### 1.1 Uma derrota amarga.

**Verdade central:** Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

**Para refletir:** Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

**A LIÇÃO DIZ:** *Após a morte de Otniel, os israelitas voltaram a fazer o que era mau aos olhos do Senhor (Jz 3.12). Isso mostra que a libertação realizada pelos juízes, ainda que sob a autoridade de Deus, era parcial e temporária. O cristão deve aprender com isso que todos os vasos usados pelo Senhor neste mundo são imperfeitos e temporários. Estudiosos cristãos destacaram que os juízes podiam apenas salvar algumas pessoas de alguns agressores por algum tempo. Eles, como nós, também, precisavam de algo muito mais poderoso. E Deus proveu isso em Cristo.*

Vamos ao texto bíblico:

<sup>12</sup>Os filhos de Israel **tornaram a fazer o que era mau aos olhos do Senhor**. Por isso, **o Senhor deu poder a Eglom**, rei dos moabitas, contra Israel, porque fizeram o que era mau aos olhos do Senhor. <sup>13</sup>Eglom se juntou com os filhos de Amom e os amalequitas, foi e derrotou Israel. E eles se apoderaram **da cidade das palmeiras**. <sup>14</sup>E os filhos de Israel serviram Eglom, rei dos moabitas, **durante dezoito anos** (Jz 3.12-14, NAA).

O relato de Eúde começa com uma declaração já conhecida pelo leitor: **“Os filhos de Israel tornaram a fazer o que era mau aos olhos do Senhor”** (Jz 3.12). O verbo “tornaram” indica que o povo voltou ao mesmo caminho de infidelidade de antes. Com o passar do tempo, Israel se **esqueceu da disciplina recebida e da misericórdia de Deus**, recaindo nos mesmos pecados. **Essa repetição também evidencia os limites do ministério dos juízes. Otniel libertou Israel da opressão de Cusã-Risataim, mas não podia livrar o povo da inclinação do seu coração para a idolatria. Os juízes concediam livramentos temporários, enquanto a verdadeira necessidade de Israel era uma redenção que alcançasse o coração.**

Essa esperança se cumpre integralmente em Cristo. Ele não veio apenas para livrar seu povo de inimigos externos, mas para libertá-lo do domínio do pecado. Por isso, sua obra é perfeita e definitiva: **“Se, pois, o Filho os libertar, vocês serão verdadeiramente livres”** (Jo 8.36).

Em seguida, o texto afirma que **“o Senhor fortaleceu Eglom, rei de Moabe, contra Israel”** (Jz 3.12). Todavia, isso não significa que Deus aprovasse a religião, a crueldade ou as ambições do rei moabita. Significa que, em sua soberania, Ele utilizou Eglom como instrumento para disciplinar um povo que havia quebrado a aliança. **O mesmo Deus que antes levantara um libertador agora fortalecia um opressor. A mudança não estava no Senhor, mas em Israel.** O Deus que abençoa é o mesmo Deus que castiga.

Eglom reuniu os amonitas e os amalequitas, atacou Israel e tomou a Cidade das Palmeiras, nome associado à região de Jericó. Por que essa conquista foi tão humilhante e dolorosa? **Jericó havia sido o primeiro grande símbolo da entrada de Israel em Canaã. Seus muros ruíram pela intervenção do Senhor, e a vitória não podia ser atribuída à força do exército israelita. Agora, aquela mesma região estava sob o domínio de um rei estrangeiro.**

**Israel não perdeu a Cidade das Palmeiras porque Moabe fosse mais poderoso do que o Senhor. Perdeu-a porque abandonou aquele que lhe havia concedido a terra. A vitória em Jericó foi fruto da fé e da obediência. A derrota diante de Eglom foi consequência da infidelidade.**

Os israelitas serviram a Eglom durante dezoito anos. A opressão anterior, no tempo de Otniel, havia durado oito anos. Agora, o período de servidão era mais de duas vezes maior. O pecado, que prometia liberdade, colocou novamente o povo de Deus sob o domínio de um senhor estrangeiro.

Robert Chisholm chama a atenção para o fato de que a referência ao envolvimento amalequita na campanha de Eglom é tristemente irônica, pois Moisés havia instruído Israel a aniquilar os amalequitas por causa de como trataram o povo de Deus (Dt 25.17-19; Êx 17.8-16). A falha de Israel nesse ponto voltou para assombrá-lo.

## 1.2 Um libertador improvável.

**Verdade central:** Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

**Para refletir:** Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

**A LIÇÃO DIZ:** *Novamente, o povo clamou ao Senhor, que, em sua misericórdia, levantou outro libertador: Eúde, filho de Gera, benjamita, homem canhoto (Jz 3.15). Esse detalhe é significativo. Naquele tempo, a mão e o lado direito eram associados à força divina (Sl 118.15,16) e à bênção (Gn 48.13,14). Pelo padrão convencional, os guerreiros usavam a mão direita. Assim, o fato de Eúde ser canhoto destaca que ele era incomum; um libertador improvável, fora dos moldes esperados. Seja por alguma limitação na mão direita, seja por ter sido treinado para usar a esquerda (1Cr 12.2; Jz 20.16), o fato é que ele possuía uma habilidade distinta.*

Vamos ao texto bíblico:

<sup>15</sup>Então os filhos de Israel clamaram ao Senhor, e o Senhor lhes suscitou um libertador: Eúde, homem canhoto, filho de Gera, benjamita. Por meio dele, os filhos de Israel enviaram tributo a Eglom, rei dos moabitas. <sup>16</sup>Eúde fez para si um punhal de dois gumes, do comprimento de quase meio metro; e cingiu-o debaixo da sua roupa, do lado direito (Jz 3.15-16, NAA).

Block (2024) observa que, assim como no episódio anterior, “novamente os israelitas clamaram ao Senhor” por ajuda. Mais uma vez, porém, não se tratava de um clamor de arrependimento nem de um pedido de perdão, mas de um grito de dor e de uma súplica por socorro divino. **O que me causa tristeza ao mencionar esse fato neste subsídio é saber que todos nós temos a tendência de recorrer a Deus por causa das consequências de determinado pecado, e não porque estamos verdadeiramente arrependidos de tê-lo cometido.**

Em resposta ao clamor do povo, Deus suscitou um libertador: Eúde, homem canhoto, filho de Gera, benjamita. Robert Chisholm diz que mais uma vez, o Senhor reagiu de forma positiva ao clamor de Israel, providenciando um libertador (3.9,15). **O narrador informa seu nome (Eúde), um traço físico característico (canhoto) e seu contexto familiar e tribal (filho de Gera, o benjamita).**

Quanto a Eúde ser canhoto, a expressão hebraica para tal qualificação descreve literalmente alguém limitado ou impedido quanto ao uso da mão direita. Alguns intérpretes entendem que ele possuía uma limitação física, enquanto outros consideram que a expressão se refere a uma habilidade especial com a mão esquerda. Em Juízes 20.16 emprega-se uma linguagem semelhante ao mencionar setecentos guerreiros benjamitas capazes de manejar a funda com extraordinária precisão. Por isso, não é possível afirmar com segurança que Eúde tivesse alguma deficiência.

Sua descrição também contém uma ironia literária. Eúde pertencia a tribo de Benjamim, nome associado a expressão filho da mão direita, mas era conhecido pelo uso da mão esquerda. O libertador vindo da tribo da mão direita cumpriria sua missão com a esquerda. **Aquilo que parecia contraditório foi incorporado pelo narrador para mostrar que Deus não está sujeito aos critérios humanos.**

Além disso, o canhotismo de Eúde provou ser de grande importância em sua trama para matar o rei moabita. Por ser canhoto, Eúde amarrou sua espada na coxa direita, ao contrário da norma. Assim, Eglom, jamais suspeitou que Eúde estava estendendo sua mão para pegar a espada quando usou sua mão esquerda para pegar a arma por debaixo do manto. Quando Eúde desembainhou a arma, o rei já não tinha mais tempo para alertar os guardas.

O tema da “mão” começa a adquirir importância no versículo 15. Os israelitas enviaram o tributo a Eglom “pela mão de Eúde”. Mais adiante, essa mesma mão participará diretamente da libertação, e o próprio Eúde declarará que o Senhor entregou os moabitas “nas mãos” de Israel. A narrativa, portanto, liga a ação humana à soberania divina: a mão de Eúde será instrumento, mas a mão que verdadeiramente governa os acontecimentos é a do Senhor.

**É muito comum nos considerarmos inúteis por não possuímos a personalidade, a desenvoltura ou os recursos das pessoas que admiramos. A história de Eúde mostra que Deus não trabalha com um único perfil de servo. Ele conhece as características de cada pessoa e pode empregar aquilo que os outros consideram estranho, secundário ou pouco promissor.**

### 1.3 Uma grande vitória.

**Verdade central:** Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

**Para refletir:** Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

**A LIÇÃO DIZ:** *Na sequência do relato, observa-se a forma estratégica com que Eúde executa seu plano para derrotar o inimigo. Primeiro, ao ser enviado para entregar o tributo ao opressor Eglom, ele aproveita a oportunidade para fazer o reconhecimento do ambiente (vv.17-19). Segundo, prepara sua própria arma, com características fora do padrão da época, e a oculta de maneira eficaz. Em terceiro lugar, aguarda o momento oportuno para agir, atacando no instante certo (vv.18-22). Em quarto lugar, ao fugir, Eúde convoca os israelitas para a batalha, na certeza de que o Senhor daria a vitória (v.28). Naquela ocasião, mataram cerca de dez mil moabitas, todos eles fortes e vigorosos; nem um só homem escapou. Foi uma grande vitória!*

Eúde apresentou a Eglom o tributo devido por Israel. O termo hebraico *minhâ* pode designar um presente ou uma oferta, mas, neste contexto, representa o pagamento imposto por uma potência dominadora. **Aquilo que confirmava publicamente a submissão de Israel tornou-se a oportunidade para a queda do opressor. A**

narrativa é construída por inversões: Eúde entrou como servo que levava um presente, mas saiu como libertador que havia iniciado o fim do domínio moabita.

Depois de entregar o tributo, Eúde dispensou os homens que o acompanhavam e retornou das imagens de escultura próximas a Gilgal. Sua volta solitária reduziu os riscos para os demais israelitas e permitiu que ele se aproximasse novamente do rei. Ao anunciar que possuía uma “palavra secreta”, despertou a curiosidade de Eglom, que mandou seus servos se retirarem. O rei cercado por auxiliares tornou-se vulnerável porque ele próprio ordenou que ficasse sozinho com Eúde.

Na sala superior, Eúde declarou: **“Tenho para você uma palavra de Deus”** (Jz 3.20). A palavra hebraica *dābār* pode significar “palavra”, “mensagem”, “assunto” ou “coisa”. O narrador explora essa amplitude de sentido, pois a mensagem de juízo não seria entregue somente por meio da fala, mas pela espada escondida sob as vestes. Eglom levantou-se para receber a suposta revelação e, nesse movimento, colocou-se ao alcance do libertador.

Eúde estendeu a mão esquerda, retirou a espada da coxa direita e a cravou no ventre do rei. A descrição da morte de Eglom é bem humilhante. O rei corpulento, que havia enriquecido mediante o tributo de um povo subjugado, não conseguiu reagir quando o juízo chegou. A gordura envolveu a lâmina, Eúde deixou a espada no corpo e trancou as portas ao sair. Quando os servos chegaram, supuseram que o rei estivesse ocupado em uma necessidade particular e esperaram até ficarem constrangidos. Essa demora deu ao libertador o tempo necessário para escapar. **O narrador rebaixa literariamente o opressor: o rei poderoso termina indefeso, enquanto seus próprios servos contribuem involuntariamente para a fuga de Eúde.**

Contudo, a morte de Eglom não representava ainda a libertação completa de Israel. Eúde chegou à região montanhosa de Efraim, tocou a trombeta e convocou os israelitas: **“Sigam-me, porque o Senhor entregou nas mãos de vocês os moabitas, seus inimigos”** (Jz 3.28). **A ação secreta deu lugar a uma batalha pública, e o libertador individual tornou-se o líder do povo.** Israel tomou os lugares de passagem do Jordão, bloqueando a retirada e a chegada de reforços, e derrotou cerca de dez mil combatentes moabitas.

Eúde declarou: “O Senhor entregou”. A espada, o plano, a fuga e a estratégia militar foram importantes, mas nenhum desses elementos pode ocupar o lugar da ação divina. O mesmo Deus que havia fortalecido Eglom para disciplinar Israel agora entregava os moabitas nas mãos de seu povo. **Deus permaneceu soberano tanto durante a opressão quanto no momento da libertação.**

Com Moabe subjugado, a terra descansou durante oitenta anos. O longo período de paz confirma a dimensão da libertação concedida, mas também recorda que o descanso promovido pelos juízes continuava temporário. Eúde derrotou um opressor externo; Cristo, o Libertador perfeito, venceu o pecado e conduz seu povo ao descanso definitivo.

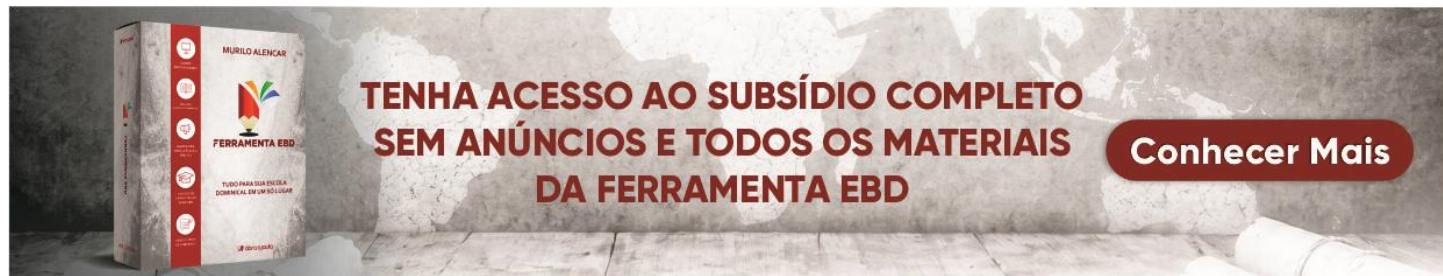
**As ações de Eúde ocasionaram um longo debate, afinal, havia justiça em matar um rei? O poeta John Milton (1608-1674) usou a história do juiz israelita para justificar a execução de Carlos I. Outros, como Voltaire (1694-1778) e o nobre escocês George Mackenzie (1636-1691) denunciaram aqueles que apelaram ao exemplo de Eúde para justificar a execução de soberanos. Durante a Segunda Guerra Mundial, Dietrich Bonhoeffer agonizou sobre a questão de saber se um cristão poderia ou não participar de um tiranicídio. No final, ele se juntou ao plano para assassinar Hitler. Mas essa discursão será um assunto para outra oportunidade.**

**Timothy Keller diz, acertadamente, que a partir de Eúde, todos os juízes apontam para Cristo. Ao contrário deles, Cristo não usou de engano (Eúde), não precisou de ajuda (Débora/Baraque), não mostrou ambição (Gideão), impulsividade (Jefté) nem fraqueza sexual (Sansão). Na verdade, em todos os aspectos, Ele foi tão íntegro quanto Otniel se apresenta nas páginas de Juízes. Jesus foi também um libertador improvável, pois não libertou seu povo por meio de um grande triunfo, mas por meio de sua morte na**

**cruz. Ele nasceu em uma manjedoura, cresceu em uma carpintaria, morreu em uma cruz, mas ressuscitou em glória e levou cativo o cativo.**

**Verifique o aprendizado de seu aluno (ponto 1):**

Seja assinante e desbloqueie o verifique o aprendizado do seu aluno apertando [aqui](#)



## 2. SANGAR: DEUS USA O QUE TEMOS À DISPOSIÇÃO

**Pergunta chave:** Seja assinante e desbloqueie a pergunta chave apertando [aqui](#)

**Ideia central do ponto:** Desbloqueie a ideia central do ponto apertando [aqui](#)

### 2.1 Um juiz desconhecido.

**Verdade central:** Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

**Para refletir:** Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

**A LIÇÃO DIZ:** *Com a vitória liderada por Eúde, o povo de Israel desfrutou de paz por 80 anos, período equivalente a aproximadamente duas gerações. Em seguida, é registrado o feito de Sangar. A Bíblia relata que ele feriu seiscentos homens dos filisteus com uma aguilhada de bois — uma vara longa e pontiaguda —, libertando Israel (Jz 3.31). Há poucas informações sobre a vida desse juiz, exceto que era filho de Anate. Esse nome pode indicar tanto o local de seu nascimento quanto possivelmente o nome de sua mãe.*

A história de Sangar é apresentada de maneira muito diferente das narrativas anteriores. Enquanto Otniel e Eúde aparecem dentro do ciclo característico de pecado, opressão, clamor e libertação, Sangar surge em um único versículo. Nada é dito sobre seu chamado, sua tribo, o tempo de sua liderança ou as circunstâncias da batalha. Ele aparece repentinamente, derrota os inimigos de Israel e desaparece da narrativa.

Apesar da brevidade do relato, sua atuação recebe o mesmo reconhecimento concedido aos demais libertadores. O narrador afirma que **“também ele libertou Israel”** (Jz 3.31). O verbo empregado pertence à mesma família da palavra traduzida como “libertador” em Juízes 3.9 e 15. **Assim, embora Sangar não seja chamado formalmente de juiz, sua vitória ocupa o mesmo lugar na história da salvação narrada pelo livro.**

A única outra referência a Sangar aparece no Cântico de Débora. Ali se afirma que, em seus dias, **“ficaram desertas as estradas”** (Jz 5.6), descrição que revela um período de insegurança e violência, no qual os viajantes evitavam os caminhos principais. Nesse contexto, a vitória de Sangar representou alívio para um povo que vivia sob constante ameaça.

Seu nome também desperta questionamentos. “Sangar” parece ter origem estrangeira, e a expressão “filho de Anate” pode estar relacionada a uma localidade, a um título militar ou até mesmo à deusa cananeia da guerra. O texto, porém, não fornece elementos suficientes para definir sua origem nem para afirmar que ele fosse um

convertido à fé de Israel. O interesse do narrador está em outro ponto. Deus utilizou aquele homem para libertar o seu povo. Sangar ocupa apenas um versículo, mas sua atuação foi suficiente para trazer livramento a Israel.

Sua breve aparição corrige a tendência que temos de medir a importância de um servo de Deus pela visibilidade que ele alcança. Sangar não deixou discursos, uma longa biografia nem uma dinastia. Seu nome quase desaparece das páginas das Escrituras, mas sua fidelidade beneficiou toda uma geração. **No Reino de Deus, a relevância de um ministério não é determinada pela notoriedade de quem o exerce, mas pela obediência ao chamado recebido.**

O narrador encerra o episódio da mesma maneira como o iniciou. Sangar entra em cena sem grandes apresentações, realiza a obra que Deus lhe confiou e desaparece da narrativa. A brevidade do relato não diminui sua importância. Pelo contrário, dirige toda a atenção para aquele que sempre permanece no centro do livro de Juízes. Os libertadores passam, mas o Senhor continua sendo o verdadeiro Salvador de Israel.

## 2.2 Um nome estrangeiro.

**Verdade central:** Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

**Para refletir:** Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

**ALIÇÃO DIZ:** *O nome “Sangar” não tem origem hebraica, mas estrangeira. Segundo alguns estudiosos, é provável que tenha se convertido à fé israelita. Independentemente de sua origem, o fato é que foi usado por Deus para libertar o seu povo.*

**Literariamente, a possível origem estrangeira de Sangar reforça o caráter improvável desse libertador.** Depois de apresentar Otniel, ligado à família de Calebe, e Eúde, identificado como benjamita, o narrador introduz um homem cuja genealogia israelita sequer é mencionada. Seu nome soa estranho ao ambiente hebraico, mas isso não o impediu de ser usado por Deus em favor de Israel.

**Se Sangar realmente foi um estrangeiro, sua presença revela duas realidades importantes. De um lado, mostra a liberdade soberana de Deus, que não está limitado às expectativas humanas ao escolher seus instrumentos. De outro, evidencia a fragilidade espiritual de Israel. O povo chamado para conquistar e defender a terra precisava ser socorrido por alguém cuja ligação com as tribos nem sequer é esclarecida.**

Essa impressão se torna ainda mais significativa quando observamos os capítulos seguintes. Depois de Otniel e Eúde, o livro passa a destacar Débora, uma profetisa e juíza que precisou convocar Baraque para a batalha, e Jael, uma mulher que matou Sísera, comandante do exército inimigo. **A narrativa revela um período de crescente enfraquecimento da liderança em Israel, sem que isso limitasse a ação do Senhor.** Quando os homens falhavam, Deus continuava cumprindo seus propósitos por meio daqueles que escolhia.

Robert Chisholm observa ainda que a vitória de Sangar não foi seguida por um período de descanso, como ocorreu nos relatos de Otniel e Eúde. Embora tenha afastado a ameaça filisteia, sua atuação não encerrou a crise espiritual de Israel. O pecado do povo logo abriria caminho para uma opressão ainda mais severa no Norte, razão pela qual Sangar pode ser entendido como contemporâneo de Débora.

## 2.3 Uma arma diferente.

**Verdade central:** Seja assinante e desbloqueie central apertando [aqui](#)

**Para refletir:** Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

**A LIÇÃO DIZ:** Enquanto a arma de Eúde foi fabricada por ele mesmo, o instrumento de batalha de Sangar era tudo, menos convencional. Ele usou uma ferramenta de trabalho para derrotar seus inimigos. Muitos se desculpam por não fazer algo para Deus, alegando falta de condições ou de ferramentas adequadas. No entanto, Sangar nos mostra que Deus nos usa com aquilo que temos à mão. Afinal, as ferramentas e as condições que você possui podem ser simples, mas o poder é divino.

O narrador afirma que Sangar feriu seiscentos filisteus com uma aguilhada de bois. O termo hebraico traduzido por “aguilhada” ocorre somente neste versículo do Antigo Testamento, embora seja conhecido no hebraico posterior como **um instrumento utilizado para conduzir e corrigir o gado**. **Provavelmente, tratava-se de uma haste resistente de madeira, com uma ponta metálica, que podia servir como arma em situações de perigo.**

O contraste entre o instrumento e o resultado é proposital e tem uma intenção literária. De um lado, está uma ferramenta ligada ao trabalho no campo; de outro, um grupo numeroso de filisteus, conhecidos por sua força militar. **O narrador não descreve a batalha nem explica quanto tempo ela durou. Seu interesse recai sobre a desproporção entre os recursos disponíveis e o livramento alcançado.** Sangar lutou com aquilo que tinha em mãos.

O texto bíblico, portanto, nos ensina a evitar dois erros muito comuns. **O primeiro** é imaginar que só poderemos servir a Deus quando dispusermos dos recursos ideais. **O segundo** é acreditar que o sucesso da obra depende dos meios empregados. Como ensina o apóstolo Paulo, “a excelência do poder” procede de Deus, e não do vaso que ele utiliza (2Co 4.7).

Além disso, enfatizamos a necessidade de sempre estamos preparados para fazer o melhor que pudermos com aquilo que temos. Precisamos estar preparados. Sangar utilizou um instrumento que conhecia e sabia manejar. Da mesma forma, o cristão deve desenvolver os dons que recebeu e colocá-los a serviço do Senhor. Outro fato interessante é que depois da vitória, ele desaparece da narrativa sem qualquer destaque pessoal. O texto preserva apenas o resultado de sua atuação: **“também ele libertou Israel”**. A glória, portanto, não pertence ao instrumento nem ao homem que o empunhava, mas ao Deus que concedeu a vitória.

**Verifique o aprendizado de seu aluno (ponto 2):**

Seja assinante e desbloqueie o verifique o aprendizado do seu aluno apertando [aqui](#)



### 3. A QUESTÃO DA VIOLÊNCIA

**Pergunta chave:** Seja assinante e desbloqueie a pergunta chave apertando [aqui](#)

**Ideia central do ponto:** Seja assinante e desbloqueie a ideia central do ponto apertando [aqui](#)

#### 3.1 Um Deus injusto?

**Verdade central:** Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

**Para refletir:** Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

**A LIÇÃO DIZ:** *Nestes e em outros episódios do livro de Juízes, é notável a presença de batalhas e mortes. Críticos do cristianismo frequentemente se valem dessas passagens para alegar que o Deus da Bíblia é injusto, violento ou mesmo que incentiva a morte de inocentes. Contudo, tais acusações carecem de fundamento sólido.*

A narrativa de Eúde costuma deixar algumas pessoas com dúvidas quanto a bondade e a santidade de Deus porque descreve a morte de Eglom com vívidos detalhes. Portanto, é importante que saibamos que a presença de violência em determinado episódio não basta para demonstrar que houve injustiça. **Toda avaliação moral exige considerar quem agiu, contra quem, em que circunstâncias, com que autoridade e por qual motivo.**

Quando alguém condena uma ação como objetivamente injusta, pressupõe que existem deveres morais que não dependem apenas de preferências individuais ou costumes sociais. A cosmovisão cristã fundamenta esses deveres no caráter santo, bom e imutável de Deus. Portanto, ao determinar que algo é injusto, automaticamente, precisamos reconhecer que existe um padrão que determine isso. Se um ateu usar esse tipo argumento, ele está em contradição com suas próprias crenças.

O próprio relato mostra que Deus não protege Israel por serem o povo da aliança. Quando os israelitas voltaram a fazer o que era mau, **“o Senhor fortaleceu Eglom, rei de Moabe, contra Israel”** (Jz 3.12). O povo da aliança foi o primeiro a experimentar o juízo divino, porque seus privilégios não o isentavam da responsabilidade de obedecer. Deus utilizou uma nação estrangeira para disciplinar Israel e, depois, levantou Eúde para pôr fim ao domínio do opressor.

Eglom também não é apresentado como um indivíduo pacífico que foi atacado sem motivo. Ele reuniu moabitas, amonitas e amalequitas, invadiu o território israelita, tomou a Cidade das Palmeiras e manteve Israel em servidão durante dezoito anos. Sua morte está inserida em uma situação de ocupação política e conflito militar. Depois dela, Eúde convocou Israel, tomou os lugares de passagem do Jordão e combateu cerca de dez mil moabitas descritos como homens fortes e valorosos. **Portanto, o episódio se passa em um contexto de guerra.**

Desta forma, eu argumentaria assim:

1. Nem todo uso de força letal possui a mesma natureza moral. Assassinato por interesse pessoal, legítima defesa, resistência a uma agressão e ação militar não são categorias idênticas.
2. Juízes 3 apresenta Eglom como chefe de uma potência invasora e Eúde como libertador levantado por Deus para socorrer uma nação submetida.
3. Logo, a morte de Eglom não deve ser classificada como um ato de violência pecaminosa sem que sejam considerados o contexto de opressão, a função de Eúde e a guerra que se seguiu.

A narrativa atribui ao Senhor a libertação de Israel e interpreta a derrota de Moabe como uma determinação divina, mas mantém o leitor diante de uma ação humana complexa, marcada por segredo, engano e morte. O relato é, ao mesmo tempo, uma composição literária sofisticada e uma passagem teologicamente difícil. **O cristão pode reconhecer a dificuldade da narrativa sem acusar Deus de injustiça e sem transformar Eúde em um modelo irrestrito de conduta.**

### 3.2 Pessoas inocentes.

**Verdade central:** Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

**Para refletir:** Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

**ALIÇÃO DIZ:** *Em segundo lugar, a ideia de que existam pessoas completamente inocentes não encontra respaldo nas Escrituras, tampouco na experiência humana. A Bíblia é clara ao afirmar que todos pecaram e carecem da glória de Deus (Rm 3.23), e que “não há um justo, nem um sequer” (Rm 3.10). Nesse sentido, a concepção de inocência, sobretudo de povos, é teologicamente insustentável.*

Achei que seria interessante iniciar esse subponto destacando que a afirmação de que todos pecaram é verdadeira, mas não resolve, por si mesma, a questão moral da morte de uma pessoa. O texto de Romanos 3 descreve a culpa universal da humanidade diante de Deus e a necessidade da justificação pela fé. Todavia, Paulo não está concedendo aos homens o direito de matar pecadores. Se a culpa universal fosse suficiente para legitimar a morte de alguém, nenhuma distinção jurídica ou moral poderia ser preservada.

**A Bíblia diferencia a culpa diante de Deus da inocência relativa em determinada situação. Uma pessoa pode ser pecadora e, ao mesmo tempo, inocente da acusação que lhe é feita.** Por essa razão, a Lei condena o derramamento de “sangue inocente” e proíbe a execução do justo e do inocente (Êx 23.7; Dt 19.10; 27.25). A própria história de Davi mostra que a guerra não torna toda morte legítima: Urias foi morto em uma batalha, mas Deus responsabilizou Davi porque havia usado a guerra para eliminar um homem inocente. A Escritura, portanto, reconhece que até em contextos militares pode haver derramamento ilegítimo de sangue.

Nem toda pessoa morta em um conflito é inocente ou culpada no mesmo sentido; por isso, cada narrativa deve ser analisada conforme o contexto, a responsabilidade dos envolvidos e a autoridade sob a qual a ação ocorreu.

### 3.3 Revelação progressiva.

**Verdade central:** Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

**Para refletir:** Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

**A LIÇÃO DIZ:** *Em terceiro lugar, é fundamental compreender que alguns textos bíblicos possuem caráter descritivo, não prescritivo. Ou seja, eles relatam o que Deus realizou em um determinado momento da história da redenção. Seu propósito principal é nos fornecer conhecimento sobre os atos soberanos de Deus no passado, a fim de que extraíamos princípios espirituais e lições teológicas. Além disso, a revelação bíblica é progressiva; Deus se revelou de forma gradual ao longo da história, culminando em Cristo, que nos mostrou a plenitude da graça e da verdade (Jo 1.17).*

A revelação progressiva é uma expressão teológica usada para explicar que Deus não tornou conhecido todo o seu plano de uma só vez. Ao longo da história, ele revelou gradualmente seu caráter, sua vontade e seu propósito de redenção. Cada nova etapa acrescentou clareza ao que já havia sido comunicado, ampliando a compreensão do povo de Deus até que seu plano encontrasse a expressão plena em Jesus Cristo. O que foi revelado posteriormente não corrige nem contradiz o que veio antes, mas desenvolve seu significado e conduz ao cumprimento daquilo que Deus havia anunciado.

É importante que se explique que essa verdade bíblica (revelação progressiva) não significa que o Deus do Antigo Testamento fosse violento e, mais tarde, tenha se tornado amoroso. Seu caráter não muda. **O Senhor que julgou as nações também se revelou misericordioso, paciente e perdoador. Da mesma forma, o Cristo que**

**ordenou o amor aos inimigos falou claramente sobre o juízo final. Graça e justiça percorrem toda a Escritura, porque Deus permanece o mesmo em toda a história da redenção.**

O que muda é a etapa dessa história e a missão confiada ao povo de Deus. Israel vivia sob uma aliança que incluía dimensões religiosas, civis e territoriais. Era uma nação estabelecida em uma terra, com governo, legislação, exército e inimigos políticos. Eúde exerceu seu papel dentro desse contexto, como libertador de um povo submetido ao domínio estrangeiro.

Com a vinda de Cristo, o povo de Deus deixou de constituir uma nação territorial e passou a reunir pessoas de todos os povos. A Igreja não recebeu a missão de conquistar territórios geográficos e nem de impor a fé pelas armas. Cristo enviou seus discípulos para pregar o Evangelho, fazer discípulos e testemunhar entre todas as nações (Mt 28.19,20; At 1.8). Seus inimigos não são identificados por etnia, nacionalidade ou território, pois sua luta é contra o pecado, o erro e as forças espirituais do mal (Ef 6.12). Por isso, a batalha mencionada no Novo Testamento não é travada com espada, violência ou coerção religiosa, mas com a proclamação do Evangelho, a oração e o poder do Espírito Santo.

Portanto,

1. Uma ação ordenada ou permitida em uma situação particular da história da aliança não se torna automaticamente uma norma universal.
2. A atuação militar de Eúde pertence à existência de Israel como nação da antiga aliança.
3. Portanto, a Igreja não possui autorização para reproduzir seus métodos em defesa da fé ou na propagação do Evangelho.

Também é necessário empregar com cuidado a distinção entre textos descritivos e prescritivos. A narrativa descreve aquilo que Eúde fez, mas isso não significa que devemos fazer o mesmo. O narrador reconhece Eúde como libertador, atribui a derrota de Moabe à ação do Senhor e apresenta a libertação como resposta ao clamor de Israel. O que não se pode fazer é transformar cada detalhe da estratégia de Eúde num mandamento para os cristãos.

**Verifique o aprendizado de seu aluno (ponto 3):**

Seja assinante e desbloqueie o verifique o aprendizado do seu aluno apertando **aqui**

## CONCLUSÃO

Agradecemos a Deus pela oportunidade de estarmos juntos em mais uma aula da Escola Dominical. Nesta lição, aprendemos que o Senhor pode usar pessoas e recursos considerados improváveis para cumprir os seus propósitos. Também aprendemos que as narrativas de violência do Antigo Testamento precisam ser compreendidas à luz do contexto histórico, da justiça divina e do desenvolvimento do plano redentor, sem serem

transformadas em um modelo de conduta para a Igreja. Que o Senhor nos ajude a colocar à sua disposição tudo o que somos e temos. Deus abençoe a todos. Esperamos vocês na próxima lição, em nome de Jesus.

**ABRA A JAULA**

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- BLOCK, Daniel I. **Juízes e Rute**: comentário exegetico. Tradução: Arthur Wesley Dück. São Paulo: Vida Nova, 2024.
- LOPES, Hernandes Dias. **Juízes**: pecado e graça. São Paulo: Hagnos, 2024. (Comentários Expositivos Hagnos).
- KELLER, Timothy. **Juízes para você**. Tradução: Eulália Pacheco Kregness. São Paulo: Vida Nova, 2016.
- WALTON, John H.; MATTHEWS, Victor H.; CHAVALAS, Mark W. **Comentário histórico-cultural da Bíblia**: Antigo Testamento. Tradução: Noemi Valéria Altoé da Silva. São Paulo: Vida Nova, 2018.
- MERRILL, Eugene H.; ROOKER, Mark F.; GRISANTI, Michael A. **Introdução ao Antigo Testamento** [livro eletrônico]: o mundo e a palavra. Prefácio: Edwin Yamauchi. Tradução: A. G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2025.
- BODA, Mark J. Judges. In: LONGMAN III, Tremper; GARLAND, David E. (Ed.). **The expositor's Bible commentary**. Rev. ed. Grand Rapids: Zondervan, 2012.
- YOUNGER JR., K. Lawson. **Judges, Ruth**. Grand Rapids: Zondervan, 2002. (The NIV Application Commentary).